


Novembro 2014

# OS NEGROS NO MERCADO DE TRABALHO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO



**Diferenciais de inserção  
de negros e não negros  
no mercado de trabalho  
em 2013**

Dia Nacional da Consciência Negra

As informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo são passíveis de desagregação por segmentos populacionais, possibilitando um olhar mais atento aos diferentes atores sociais e tem sido objeto de diversas análises. Em alusão ao Dia Nacional da Consciência Negra, a Fundação Seade e o Dieese têm realizado anualmente estudo sobre as inserções diferenciadas de negros<sup>1</sup> e não negros no mercado de trabalho, no intuito de acompanhar as mudanças e permanências nas desigualdades de inserção no mundo do trabalho.<sup>2</sup>

Maioria entre a população brasileira (50,7%, segundo o Censo Demográfico 2010), os negros ainda são discriminados na sociedade e, por conseguinte, no mercado de trabalho. Este estudo pretende colaborar para a identificação de alguns aspectos dessas desigualdades na Região Metropolitana de São Paulo – RMSP e para a indicação de possibilidades de atuação de políticas públicas que contribuam para a redução das disparidades existentes no mercado de trabalho.

O crescimento econômico da última década, apesar de registrar reduções nas diferenças tanto por sexo como por raça/cor, não foi suficiente para redimir significativamente as desigualdades históricas, como mostram vários estudos produzidos tanto pela Fundação Seade e Dieese, como por outras instituições que se debruçaram sobre o tema.

Nesse sentido, a recente expansão econômica contribuiu para a diminuição dos diferenciais entre as taxas de desemprego total de negros e não negros ao longo do período. Entretanto, entre 2012 e 2013, tal situação não se deu com a mesma intensidade, já que as taxas de desemprego total de negros apresentou redução menor (-3,2%) que a dos não negros (-6,0%). A desigual intensidade desses movimentos fez com que a diferença de suas respectivas taxas passasse de 2,4 para 2,6 pontos percentuais, no período.

O rendimento médio por hora de negros (R\$ 7,98) representava 65,3% daquele recebido por não negros (R\$ 12,22), em 2013. Apesar de ainda mostrar grande desigualdade, esse diferencial vem se reduzindo ao longo dos últimos anos: em 2002, os rendimentos dos negros equivaliam a 54,6% dos não negros, passando para 61,6%, em 2011, e para 63,4%, em 2012.

1. O segmento de negros é composto por pretos e pardos e o de não negros engloba brancos e amarelos.

2. Outros estudos disponíveis em: [www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br).

## Mercado de trabalho

Na Região Metropolitana de São Paulo os negros perfaziam, em 2013, pouco mais de um terço da População em Idade Ativa – PIA (35,4%) e uma proporção semelhante a esta na composição da População Economicamente Ativa – PEA<sup>3</sup> (35,9%). Entretanto, a proporção de desempregados negros está sobrerrepresentada (41,6%).

Entre 2012 e 2013, a proporção de negros na PIA e na PEA aumentou aproximadamente em um ponto porcentual, enquanto a parcela de desempregados cresceu de forma um pouco mais intensa (1,7 ponto porcentual).

A taxa de participação – definida como a proporção da PEA em relação à PIA – entre os negros é maior (63,2%) do que a dos não negros (62,0%), registrando decréscimo para ambos os segmentos em relação a 2012, principalmente entre os negros.

*Nos últimos anos, a diminuição da taxa de participação de negros e não negros foi mais intensa em alguns grupos populacionais específicos, como os mais jovens e as pessoas com menor nível de instrução. Tal comportamento reflete, de um lado, o crescimento econômico no período recente, que possibilitou o aumento do rendimento familiar e a conseqüente postergação da entrada dos filhos no mercado de trabalho, e, de outro, o impacto de políticas públicas que possibilitaram a ampliação do nível de educação da população em geral.*

*Responsáveis por seus domicílios, destaca-se a retração da participação no mercado de trabalho entre os chefes, principalmente entre as mulheres negras e homens não negros.*

*Considerando um período mais longo, entre 2003 e 2013, diminuiu a participação de negros e não negros no mercado de trabalho, principalmente entre os negros. As mulheres negras e não negras mantiveram sua presença relativamente estável, enquanto entre os homens houve redução em ambos segmentos.*

3. A PEA é composta pelo conjunto de ocupados e desempregados.

*Por nível de escolaridade, entre 2003 e 2013, somente a taxa de participação das negras com ensino superior completo registrou aumento, sugerindo que o investimento em educação pode contribuir para a equidade no mercado de trabalho.*

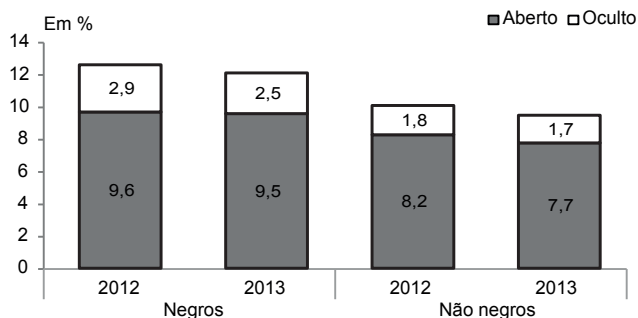
## Desemprego

As taxas de desemprego dos negros são sempre maiores do que a dos não negros, tanto para mulheres como para homens. O mesmo ocorre para suas duas componentes, as taxas de desemprego aberto e oculto (Gráfico 1).

Entre 2012 e 2013, a taxa de desemprego total registrou decréscimo pouco maior para não negros (de 10,0% para 9,4%) do que para negros (de 12,4% para 12,0%), fazendo com que a diferença de suas respectivas taxas aumentasse levemente, passando de 2,4 para 2,6 pontos percentuais.

**Gráfico 1**

Taxas de desemprego, por raça/cor, segundo tipo  
Região Metropolitana de São Paulo – 2012-2013



**Fonte:** Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

**Nota:** A taxa de desemprego total é composta pela soma das taxas de desemprego aberto e oculto.

Entretanto, apesar da persistência de maiores taxas entre os negros, vale mencionar que, nos últimos anos, o diferencial das taxas de desemprego total entre negros e não negros vem diminuindo, já que essa diferença correspondia a 7,2 pontos percentuais em 2002, o que reflete importante retração ao longo do período de 11 anos.

Entre 2012 e 2013, o movimento diferenciado das reduções das taxas de desemprego por segmento populacional fez com que as mulheres não negras, tradicionalmente com maiores taxas de desemprego do que a dos homens de ambos segmentos, passassem a apresentar a mesma taxa que os homens negros.

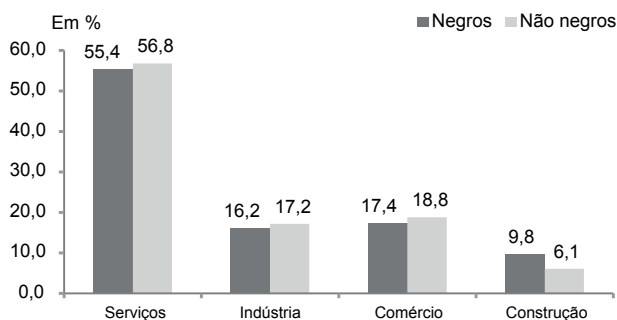
## Ocupação

Entre 2012 e 2013, a proporção de ocupados negros no mercado de trabalho na RMSP aumentou em torno de um ponto porcentual. Esse aumento foi semelhante para mulheres e homens. Já entre os não negros, o nível ocupacional diminuiu, atingindo ambos os sexos. No último ano, 35,2% dos ocupados eram negros, sendo 16,4% mulheres e 18,9% homens.

Os diferenciais de inserção no mercado de trabalho entre negros e não negros podem ser mais bem identificados quando se observa a composição da ocupação nos principais setores de atividade econômica, por raça/cor (Gráfico 2).

**Gráfico 2**

Distribuição dos ocupados, por raça/cor, segundo setor de atividade econômica  
Região Metropolitana de São Paulo – 2013



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

O setor de Serviços, responsável por mais da metade dos postos de trabalho gerados na RMSP, abrigava, em 2013, 55,4% do total de ocupados negros (mesma proporção que em 2012) e 56,8% de não negros (praticamen-

te a mesma parcela observada em 2012, que era de 56,9%). A participação de não negros era ligeiramente superior na Indústria (17,2% contra 16,2% de negros, em 2013), com redução nos dois segmentos em relação a 2012, assim como no Comércio (18,8% e 17,4%, respectivamente), com aumento para ambos. O setor em que a proporção de negros (9,8%) superava a de não negros (6,1%) – a Construção – permaneceu praticamente estável para as duas populações e é onde predominam postos de trabalho com menores exigências de qualificação profissional, remunerações mais baixas e relações de trabalho mais precárias, sendo, por consequência, menos valorizados socialmente.

Pela ótica da posição na ocupação, que pode ser considerada uma *proxy* da qualidade da inserção no trabalho, verifica-se que, na perspectiva de garantias trabalhistas e previdenciárias, os não negros encontravam-se, em 2013, em situação ligeiramente melhor: 62,1% dos não negros ocupados e 60,8% dos negros estavam inseridos em ocupações regulamentadas (soma dos assalariados com carteira de trabalho assinada ou que trabalhavam no setor público). Isso ocorre porque, se no âmbito do assalariamento privado os negros inserem-se mais em ocupações com carteira assinada (54,8%) do que os não negros (53,5%), no setor público os negros têm uma participação menor (6,0% contra 8,6% dos não negros). Entre 2012 e 2013, a proporção daqueles que se encontravam em ocupações regulamentadas cresceu pouco mais para não negros (1,6 ponto porcentual) do que para negros (1,2 p.p.).

Já ao se considerarem aquelas ocupações não regulamentadas e cujos rendimentos geralmente são menores, os negros estavam mais representados, em 2013: assalariados sem carteira de trabalho assinada no setor privado (9,2% negros e 8,7% não negros); trabalhadores autônomos (16,0% e 15,4%, respectivamente); e, principalmente, entre empregados domésticos (9,7% e 5,1%, respectivamente) (Tabela 1). Entretanto, entre 2012 e 2013, observa-se retração dessas ocupações mais precárias em ambos segmentos analisados.

Importante salientar a distância entre as participações de negros e não negros assalariados no setor público, cuja explicação possivelmente tem origem no fato de cerca de metade desses ocupados possuir nível de escolaridade superior. Essa característica, associada ao fato de o ingresso no setor público ocorrer principalmente por meio de concursos, permite inferir que a sub-representação de negros nesse setor deve-se muito mais às suas históricas dificuldades de acesso aos níveis mais elevados de ensino do que a eventuais ações discriminatórias das quais possam ser vítimas.

No agregado demais posições – que reúne empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócios familiares, entre outros –, que registrou pouca alteração no período, é forte a diferença entre a participação de não negros (8,7%) e negros (4,3%). Neste caso, dispor de riqueza acumulada que permita montar um negócio ou possuir nível superior de escolaridade provavelmente são fatores que explicam a exclusão de grande parte dos negros. Em outras palavras, a persistência de elementos históricos, mais do que qualquer outro fator, justifica a desigualdade presente.

**Tabela 1**

Distribuição dos ocupados, por raça/cor, segundo posição na ocupação  
Região Metropolitana de São Paulo – 2013

Posição na Ocupação	Total	Negros	Em porcentagem
			Não negros
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Total de assalariados (1)	70,5	70,0	70,8
Setor privado	62,9	64,0	62,2
Com carteira	53,9	54,8	53,5
Sem carteira	8,9	9,2	8,7
Setor público	7,7	6,0	8,6
Autônomos	15,6	16,0	15,4
Empregados domésticos	6,7	9,7	5,1
Demais posições (2)	7,2	4,3	8,7

**Fonte:** Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT.

(1) Inclui os assalariados que não sabem a qual setor pertencem.

(2) Incluem empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

Explicação semelhante pode ser adotada para a expressiva sobrerrepresentação de negros como empregados domésticos. Esse segmento compõe-se de ocupações cujos requisitos de qualificação profissional dependem menos da formação escolar do que da experiência de trabalho. Estudos recentes da Fundação Seade e do Dieese, com base nos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED na RMSP, constataram que o emprego doméstico tem sido exercido, predominantemente, por mulheres negras, mais velhas e com baixo nível de escolaridade.

## Rendimentos do trabalho

As informações sobre os rendimentos do trabalho de negros e não negros na RMSP, em 2013, demonstram a permanência de desigualdades há muito tempo identificadas no mercado de trabalho.

As razões mais evidentes dessa situação, em que o rendimento médio por hora<sup>4</sup> de negros (R\$ 7,98) representa 65,3% daquele referente aos não negros (R\$ 12,22), em 2013, residem nas diferentes estruturas ocupacionais em que esses segmentos estão inseridos, conforme anteriormente descritas. Apesar de permanecerem em patamares muito distantes, o crescimento do rendimento por hora dos negros (2,0%) e a retração do dos não negros (-1,0%), entre 2012 e 2013, acarretaram redução, ainda que muito timidamente, dessa diferença (em 2012 o rendimento médio dos negros representava 63,4% do dos não negros).

Nos Serviços e na Indústria, os negros recebiam, respectivamente, 62,9% e 65,2% dos rendimentos por hora dos não negros, em 2013, diferença que se reduziu em relação a 2012, quando os valores correspondiam a 60,7% e 64,3%. A diferença dos rendimentos médios por hora de negros e não negros é menor no Comércio e na Construção, sendo que no primeiro esse descompasso diminuiu (de 66,7%, em 2012, passaram a receber 70,8%, dos rendimentos dos não negros, em 2013) enquanto na Construção esse descompasso não evoluiu favoravelmente (passou de 79,6% para 71,5%). Assim, observa-se que as maiores desigualdades de rendimentos por raça/cor continuam sendo verificadas nos setores cujos rendimentos médios são mais elevados e nos quais a proporção de não negros supera a de negros, geralmente em setores em que a estrutura produtiva é mais diversificada e com segmentos de uso intensivo de capital, fatores que requerem maiores qualificações dos trabalhadores (Tabela 2).

---

4. Os dados de rendimentos são analisados por hora com o objetivo de eliminar problemas de comparação devido a diferenciais de jornada de trabalho entre homens e mulheres, raça/cor e setores e ocupações específicas.



**Tabela 2**

Rendimento médio real por hora (1) dos ocupados (2) no trabalho principal, por raça/cor e sexo, segundo setores de atividade econômica  
Região Metropolitana de São Paulo – 2013

Em reais de junho de 2014

Setores de atividade	Total	Negros			Não Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
<b>Total (3)</b>	<b>10,66</b>	<b>7,98</b>	<b>6,89</b>	<b>8,65</b>	<b>12,22</b>	<b>10,46</b>	<b>13,54</b>
Indústria	10,75	8,00	6,55	8,98	12,26	9,83	13,80
Comércio	8,35	6,58	5,79	7,21	9,29	7,50	10,71
Serviços	11,29	8,21	7,19	9,40	13,05	11,54	14,96
Construção	10,27	8,41	(4)	8,39	11,76	(4)	11,55

**Fonte:** Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Exclusivo os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Inclui os demais setores de atividade.

(4) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

A mesma lógica, em que os diferenciais de rendimentos são maiores quando os valores monetários pagos são mais elevados, é percebida na análise por posição na ocupação (Tabela 3). Assim, os maiores rendimentos médios pagos no setor privado com carteira assinada e no setor público fazem com que os negros recebam 66,4% e 69,9%, respectivamente, do rendimento médio dos não negros. Note-se que essa diferença era menor entre os trabalhadores com carteira assinada em 2012, quando tal proporção correspondia a 67,3%.

Já nos rendimentos menos elevados as diferenças eram menores: os assalariados negros sem carteira assinada no setor privado recebiam 71,2% do rendimento dos não negros (61,8%, em 2012) e 74,6% daquele referente aos autônomos (pouco variou em relação a 2012, quando era 74,8%).

**Tabela 3**

Rendimento médio real por hora (1) dos ocupados (2) no trabalho principal, por raça/cor e sexo, segundo posição na ocupação  
Região Metropolitana de São Paulo – 2013

Em reais de junho de 2014

Posição na ocupação	Total	Negros			Não Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
<b>Total</b>	<b>10,66</b>	<b>7,98</b>	<b>6,89</b>	<b>8,65</b>	<b>12,22</b>	<b>10,46</b>	<b>13,54</b>
Total de assalariados (3)	10,45	8,02	7,21	8,37	12,12	10,98	12,67
Setor privado	9,83	7,45	6,63	8,08	11,13	9,76	12,06
Com carteira	10,00	7,72	6,72	8,38	11,62	10,15	12,65
Sem carteira	7,44	6,02	5,10	6,44	8,46	7,70	8,81
Setor público	17,76	13,52	13,10	(5)	19,34	17,82	21,48
Autônomos	9,06	7,46	4,80	8,74	9,99	8,07	11,05
Empregados domésticos	6,49	6,58	6,49	(5)	6,40	6,25	(5)
Demais posições (4)	20,04	12,20	(5)	(5)	22,71	18,31	24,66

**Fonte:** Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Exclui os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Inclui os assalariados que não sabem a qual setor pertencem.

(4) Incluem empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

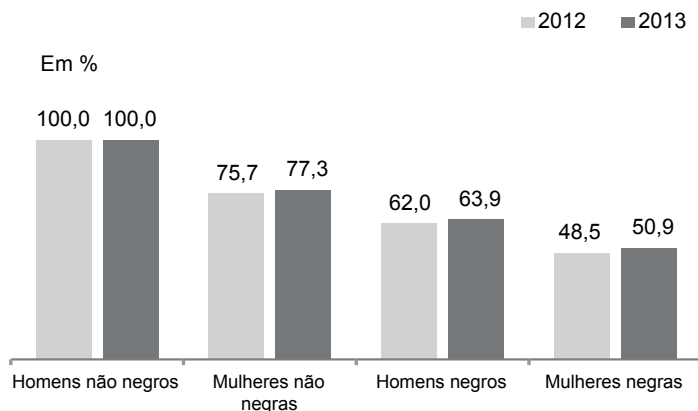
(5) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Os diferenciais de rendimentos por raça/cor associados àqueles referentes ao sexo são reveladores das desigualdades que ainda permanecem no mercado de trabalho da região, mesmo com as pequenas melhorias ocorridas entre 2012 e 2013 (Gráfico 3).

Em 2013, as mulheres negras e não negras cumpriam, em média, uma jornada de 39 horas semanais. Já os homens negros trabalhavam, em média, uma hora a mais que seus pares não negros (44 e 43 horas, respectivamente).

**Gráfico 3**

Proporção dos rendimentos médios reais por hora (1) dos ocupados (2), por raça/cor e sexo, em relação aos rendimentos médios reais por hora dos homens não negros Região Metropolitana de São Paulo – 2012-2013



**Fonte:** Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

Em 2013, o mercado de trabalho apresentou melhorias em diversos indicadores, que podem ser percebidos, por exemplo, no crescimento do nível de ocupação para os negros, no aumento de seus rendimentos e na expansão do contingente de trabalhadores com carteira assinada. De maneira geral, segmentos que mais são discriminados, como negros e mulheres, tiveram uma melhora em sua inserção no mundo do trabalho.

Para os negros, como visto, isso pode ser observado pela maior proporção em ocupações com carteira de trabalho assinada (54,8%), o que lhes garante acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários, ainda que sejam predominantes também em outro extremo, isto é, nas ocupações mais vulneráveis. O crescimento do rendimento médio por hora dos negros, diante da redução para os não negros, contribuiu para retrain, ainda que levemente, a diferença de rendimentos entre ambos.

Porém, o que se depreende é que só o crescimento econômico não é suficiente para diminuir as desigualdades no mercado de trabalho e garantir igualdade de oportunidades. Enquanto não se atenuarem as discrepâncias socioeconômicas e, mais especificamente, do nível de escolaridade, ainda persistirão desigualdades.



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional

**SEADE**

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Av. Cásper Líbero 478 - CEP 01033-000 - São Paulo SP

Fone (11) 3324.7200 Fax (11) 3324.7324

[www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br) / [sicseade@seade.gov.br](mailto:sicseade@seade.gov.br) / [ouvidoria@seade.gov.br](mailto:ouvidoria@seade.gov.br)

**DIEESE**

**DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICO:**

Rua Aurora, 957, 3º andar - República - CEP 01209-001 - São Paulo

Fone (11) 3821.2140 - [www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br) - [en@dieese.org.br](mailto:en@dieese.org.br)

**Apoio:** Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT.  
Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho – Sert.